



ESTILO EM LETRAS DE MÚSICA DE MAGNE FURUHOLMEN

Karin Elisabeth FÖLDES¹

Resumo: Este trabalho tem o intuito tentar definir o que é estilo numa perspectiva de Nikolas Coupland e mostrar como o estilo de uma pessoa fica evidente mesmo em textos escritos. Para isso, serão usadas as teorias não apenas de Coupland, mas de Bakhtin e outros teóricos da lingüística que tratam do assunto. O *corpus* de análise são letras do músico norueguês Magne Furuholmen retiradas de seus CDs (e da banda da qual ele faz parte).

Palavras-chave: Música; Poesia; Lingüística; Sociolingüística; Estilo.

Introdução

É difícil definir estilo em uma única teoria, mesmo dentro da sociolingüística, pois estilo pode ser tudo e estar em tudo. Porém, podemos ser mais específicos e procurar definir estilo como algo pessoal, que cada pessoa possuiria o seu. Neste caso, seria seu próprio estilo de falar que caracteriza cada pessoa ou mesmo seu próprio estilo de escrever como acontece com muitos autores caracterizando-os também.

Assim, cada pessoa fala ou escreve de um modo peculiar para tentar se firmar com uma imagem própria dentro da sociedade. Há, então, uma vontade própria de falar ou de escrever de certa maneira específica, ou seja, há uma consciência do que se quer falar ou escrever.

De certa forma, é como pensarmos no modo de vestir das pessoas: cada um escolhe o que quer vestir, da mesma forma que escolhe como vai se comunicar. Mas, há um manejo do estilo, ele não é ao acaso ou inconsciente, pois sempre quando há comunicação (fala ou escrita) há uma intenção de transmitir uma idéia e, além dessa intenção, há também a intenção de como se vai dizer ou escrever.

Neste trabalho o estilo é investigado em textos escritos e subjetivos, já que o *corpus* de análise são as letras de música e de um mesmo cantor/autor – tornadas públicas em diferentes gravações. Tentar-se-á investigar qual o estilo do cantor/autor Magne Furuholmen, ao mesmo tempo em que se discorrerá sobre o que é estilo, a partir da perspectiva de Nikolas Coupland. O intuito aqui é justamente aplicar a teoria de Coupland para analisar os textos poéticos de Magne Furuholmen, na tentativa de mostrar o que é estilo e como uma pessoa o maneja e como demonstra.

¹ Licenciada em Letras pela UNESP (Câmpus de Assis), especialista em Análise do Discurso pela PUC-Campinas e mestranda em Lingüística pela USP (Câmpus São Paulo). ka.linguistica@gmail.com



Salientando apenas que Magne Furuholmen, músico norueguês, cantou algumas dessas letras escolhidas para este texto, em seu CD solo de 2004 *Past perfect future tense*, e outras foram cantadas pela banda, também norueguesa, *a-ha* da qual o músico faz parte e podem ser encontradas no CDs *Lifelines* e *Analogue*, lançados pela banda em 2002 e 2005, respectivamente.

A propósito de estilo

Para se analisar textos escritos dentro de uma perspectiva de estilo, é preciso primeiramente entender que mesmo que uma pessoa possua um estilo próprio, ele é diferente quando esta fala ou escreve. É necessário deixar claro que mesmo sendo produzida por um mesmo indivíduo, a linguagem falada se difere muito da escrita. O fato de escritor e leitor não estabelecerem uma interação face a face leva o escritor a não se preocupar por prender a atenção do leitor no momento em que escreve: o escritor tem mais tempo para pensar sobre o que escreve, do mesmo modo que o leitor vai dispor de mais tempo para entender o escrito. O escritor, livre das pressões do tempo, tem condições de se abastecer de muitas informações sobre o assunto que pretende desenvolver, assim como para se dedicar a uma organização mais cuidadosa dos procedimentos lingüísticos que vai adotar no seu texto escrito. Desse processo de elaboração resulta a língua escrita com suas especificidades (RODRIGUES *in* PRETI, 2003).

O ato de escrever se constitui em um ato solitário, pois o escritor não interage com seu interlocutor (o leitor), ele elabora um texto sozinho, sem que haja a colaboração desse interlocutor e assim, são de sua inteira responsabilidade o planejamento e elaboração do texto. Além disso, não há uma alternância de papéis no decorrer da elaboração do texto escrito. Este está sempre a cargo de um único sujeito, seu autor. Ele sempre demonstra a preocupação com o fato de ter que produzir algo convincente para diversos leitores, em diferentes momentos, em diferentes lugares. E, por isso, o processo do texto escrito é coeso, finalizado, com frases melhor elaboradas e complexas sintaticamente, não deixando ao leitor as marcas de seu processo de planejamento.

E assim, o sujeito acaba de alguma forma inscrito no texto que produz. Conforme Orlandi (2000), os diferentes modos pelos quais o sujeito se inscreve no texto correspondem a diferentes representações que, por sua vez, indicam as suas diferentes funções enunciativo-discursivas. A autora dirá ainda que o autor é a função que o *eu* assume enquanto produtor da linguagem, sendo a dimensão discursiva mais determinada pela relação com a exterioridade (contexto sócio-histórico) e, portanto, mais submetida às regras das instituições. No caso do



texto literário (ou letra de música), o conhecimento de que o texto será lido por um determinado tipo de público também acaba determinando parte importante das intenções do autor. Conforme Barthes:

Antes mesmo de falar de estilo no sentido individual em que comumente se entende a palavra, há a linguagem *literária*, escrita verdadeiramente coletiva. (...) É preciso ver o estilo no plural do texto: plural dos níveis semânticos (códigos), cujo traçado forma o texto, e plural das citações que se depositam num desses códigos a que chamamos “estilo”, e a que preferia chamar, como primeiro objeto de estudo, *linguagem literária* (BARTHES, 2004, p. 155).

Quando se escreve numa forma coletiva, o texto passa a ser coletivo, por isso é preciso primeiro vê-lo como tal para depois investigá-lo individualmente, tendo olhos apenas para o estilo do autor. No entanto, é preciso não esquecer que o escritor é (e sempre será) um indivíduo social, que está deste modo inserido num contexto social e por isso terá intenções e cuidados ao escrever seus textos. Como observa Bakhtin (1988), não são as palavras que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. Assim, o escritor construirá seu estilo em cima do que realmente interessa a ele dizer ou mostrar. Ao exteriorizar seus pensamentos o conteúdo destes muda de aspecto, pois é obrigado a apropriar-se do material exterior, ou seja, o que foi escrito ao chegar ao destino, aos leitores, toma outra forma, outro significado.

Para Bakhtin (1988), o subjetivismo individualista apóia-se também sobre a enunciação monológica como ponto de partida de sua reflexão sobre a língua. Contudo, tentando aprofundar-se melhor numa definição clara do que é estilo, Barthes explica que:

[...] os traços de estilo são inegavelmente tirados de um código, ou pelo menos de um espaço sistemático (...). O estilo é uma distância, uma diferença; mas com relação a quê? A referência é, o mais das vezes, implícita ou explicitamente, a língua falada (chamada “corrente”, “normal”). Essa proposição me parece ao mesmo tempo excessiva e insuficiente: excessiva porque os códigos de referência (ou de diferença) do estilo são numerosos e porque a língua falada nunca é mais do que um desses códigos (que não há nenhuma razão, aliás, para privilegiar fazendo dela a língua *princeps*, a encarnação do código fundamental, a referência absoluta); insuficiente porque quando a ela se remete, a oposição entre o falado e o escrito não é explorada em toda sua profundidade (BARTHES, 2004, p. 153).

O estilo parece estar mais ligado à língua oral do que à escrita, porém entende-se que em qualquer situação de comunicação, seja oral ou escrita, há implícito o estilo daquele que



se comunica. Por isso a importância de se estudar também o estilo na língua escrita, pois estilo está muito além de ser apenas variação lingüística. E a expressão lingüística oscila entre dois pólos que são os sentimentos individuais e os sociais. Na verdade, quando manifestamos nossa vontade, nosso desejo, etc., nós nos representamos à condição social de nosso interlocutor, sua situação em relação à nossa. Assim, a linguagem passa do aspecto psicológico para o fato sociológico. Em suma, pode-se considerar que o estilo significa a possibilidade (se não a necessidade) de expressão do indivíduo, considerado tanto do ponto de vista psicológico quanto do sociológico (POSSENTI, 2001).

O indivíduo se expressa através de seu estilo, usando a linguagem e assim demonstra tanto os seus aspectos psicológicos quanto os sociológicos, mostrando o que pensa como indivíduo e como ser humano inserido em uma determinada sociedade. Charaudeau & Maingueneau (2004) complementam a definição de estilo colocando que por estilo compreende-se a forma constante – e às vezes os elementos, as qualidades e a expressão constantes – na arte de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos. O termo se aplica também à atividade global de um indivíduo ou de uma sociedade. É assim que em ciência da linguagem, os sociolingüistas falam de estilo.

Mais uma vez fica claro que estilo está ligado ao indivíduo como ser e como membro de uma determinada sociedade.

Coupland (2001) afirma que os indivíduos de uma sociedade são como atores, o que deixaria claro que cada um tem um determinado papel e assim se representa através da linguagem.

No texto escrito o estilo é marcado com o modo com o qual se escreve e com a escolha de determinadas palavras que também marcam o estilo individual. É um modo pessoal de se expressar e que está ligado ao psicológico e ao social de cada um. Porém, não é algo involuntário, há um manejo deste estilo, o que Coupland (2001) chama de manejo de persona e coloca que pode haver um manejo de persona de um público competente.

Enfim, a seguir procurar-se-á mostrar como o estilo de uma pessoa está inserido dentro de um texto escrito de sua autoria e como essa pessoa faz o manejo de persona dentro de seu próprio texto pensando no público que irá lê-lo.

Da poesia de Furuholmen

Como observamos acima, serão analisados apenas trechos de algumas letras de músicas de Magne Furuholmen, pois infelizmente o espaço aqui é curto e assim deixa-se



para um trabalho mais denso uma análise de música a música. Através desses trechos tentar-se-á mostrar o estilo do músico norueguês.

Em muitos dos trechos de suas músicas ele parece marcar seu estilo usando metáforas de tempo como nos trechos abaixo:

Birthright (Analogue, 2005):

*Everything changes over time
Just like wine
Time ain't gonna hold you up (...)
Time ain't gonna make it worse
It's gonna make you start
Feeling better
Just like wine.*

A fine blue line (Idem)

*Time marches on ahead –enough to said
There's only way through it
Time marches on ahead – one day we'll see it (...)
Time marches on ahead – one day you'll see it;
Love is a fine blue line
Time races on ahead –enought to say*

Summers of our youth (Idem)

*As we look back and see
Our yesterdays entwine
The beauty and the truth
The summers o four youth*

Past perfect future tense (Álbum de mesmo título, 2004)

*I know the words, they just make no sense
In past perfect future tense (...)
I remember so well what you said to me:
We are who we were always going to be.*

Em todos os trechos citados acima, de quatro músicas diferentes, aparecem marcas fortes de tempo, mas apenas no que se trata de passado e de futuro. No primeiro o futuro é marcado com o uso informal de *gonna*. E é complementado pela metáfora *just like wine*, ou seja, *apenas como o vinho* que com o passar do tempo, com o futuro, se torna melhor.



Demonstra-se, ainda, nesse trecho a importância do tempo, o que ele é capaz de fazer, como não segurar as pessoas (*hang you up*), não piorar as coisas (*make it worse*).

No segundo trecho também há marcas de futuro, mas desta vez com outro indicador sintático menos informal, o *will*. O mesmo possui uma complementação metafórica em *time marches on ahead* e *time races on ahead*, ou seja, *o tempo caminha pra frente* e *o tempo corre pra frente*, demonstrando a importância do futuro.

No terceiro trecho parece haver uma oposição entre os trechos que acabaram de ser analisados, pois se fala agora em passado, a começar pelo título da música, *Summers of our youth* (*verões de nossa juventude*), juventude como algo que passou e que ficou para trás, tempo passado. Além disso, ainda se coloca *as we look back and see our yesterdays entwine* (*como nós olhamos para trás e vemos nossos “ontens” entrelaçados*), outra marca de tempo passado, olhar para trás, ver o ontem.

No quarto trecho há mistura de passado e presente quando se diz *in the past perfect future tense* (*no pretérito perfeito do futuro*) e também em *we are who we were always going to be*, ou seja, nós somos quem nós éramos e sempre seremos. A importância do que aconteceu no passado como reflexo para o futuro.

Nos próximos trechos há uso de elementos da natureza:

Little angels (Past Perfect Future Tense, 2004)

*Silently the morning glides
Into places where we hide (...)
Stare into the summer sky
Decisions they can wait a while*

Birthright (Analogue, 2005):

*You are leaving town for the summer
At least till sundown (...)
You ain't gonna waste your life
Chasing rainbows like some clown.*

You wanted more (Lifelines, 2002)

*I loved the sun, I loved the rain (...)
It came to late and left too soon
Just like the rings around the moon*

Solace (Idem)

Cold stars of the future

*They burned bright in the past*

No primeiro trecho se encontram duas referências a elementos da natureza *Silently the morning glides* e *Stare into the summer sky*. A primeira sobre a manhã que desliza (uma personificação) e a segunda apenas sobre o céu de verão.

No segundo trecho há menções a verão, pôr-do-sol e arco-íris (summer, sundown, rainbow). Em verão, mais uma vez há um marcador de tempo quando se diz *você está saindo da cidade para o verão*, uma estação da natureza ao mesmo tempo significando uma época. É o que acontece com o a continuação do verso que diz *ao menos até o pôr-do-sol*, outra marca de tempo e significando um momento específico, a hora em que o sol se põe. Ainda no mesmo verso, a menção a mais um elemento da natureza o arco-íris (rainbow), ou, *perseguindo arco-íris*, algo figurado, já que não acontece na realidade.

No terceiro trecho há apenas o uso de elementos na natureza como sol e chuva (sun, rain) e uma comparação de algo que chega e se vai como os *anéis em volta da lua* (rings around the moon).

No quarto trecho *cold stars of the future burn bright in the past* (estrelas frias do futuro queimam seu brilho no passado), uma comparação clara de um elemento da natureza, o brilho das estrelas que vemos que já podem ter se acabado.

Além de marcas de tempo e uso de elementos da natureza, o músico marca muito suas letras com a palavra *vinho* (wine) como é possível ver a seguir:

Birthright (Analogue, 2005):

*Everything changes over time
Just like wine (...)
It's gonna make you start
Feeling better
Just like wine.*

Cosy Prisons (Idem)

(...) But bottled wine is vinegar tomorrow.

Obsolete (Past Perfect Future Tense, 2004)

*The cellar's full of wine
You can no longer drink.*

All the time (Idem)



*Well, don't be such a Philistine
Let's eat the food and drink the wine*

Nos três primeiros textos a referência ao vinho mais uma vez com ligação com o tempo é clara, pois no primeiro trecho está escrito *everything changes overtime just like wine*, tudo muda com o tempo, como o vinho. E *It's gonna make you start feeling better just like wine*, isso vai começar a te fazer sentir melhor assim como o vinho. Nas duas, a mudança do vinho para melhor com o tempo é usada como comparação com coisas da vida que passam (ou melhoram) com o tempo.

No segundo trecho, mais uma vez há a ligação do vinho com o tempo, *but bottled wine is vinegar tomorrow*, vinho engarrafado é vinagre amanhã, uma afirmação que remete também ao passar do tempo, usando metaforicamente o vinho.

No terceiro trecho, a ligação de vinho e tempo ainda continua *The cellar's full of wine you can no longer drink*, a adega está cheia de vinho que você não pode mais beber, ou seja, o vinho que com o tempo talvez tenha estragado, novamente a demonstração de que o tempo passa.

Apenas no quarto trecho há a menção de vinho, porém sem estar ligada ao tempo, *vamos comer e tomar o vinho* (let's eat the food and drink the wine). É interessante perceber também, que em todos os trechos analisados a pessoa do discurso varia entre eu/você/nós ou nosso (I/you,/we ou our).

O músico parece estar sempre escrevendo para alguém e às vezes se inclui colocando o nós ou eu/você, como em alguns exemplos abaixo que são retomados com grifos nossos:

Birthright

*Time ain't gonna hold **you** up (...)
Time ain't gonna make it worse
It's gonna make **you** start
Feeling better*

A fine blue line

*Time marches on ahead – one day **we**'ll see it (...)
Time marches on ahead – one day **you**'ll see it;*

Summers of our youth

*As **we** look back and see
Our yesterdays entwine*

Past perfect future tense (Álbum de mesmo título, 2004)



*I remember so well what **you** said to me:
We are who we were always going to be.*

Outro aspecto interessante a notar é que ele parece todas as vezes estar falando de um mesmo assunto, o tempo que passa e as coisas do passado que não voltam mais, as coisas que mudam com o tempo. E ele parece estar dizendo isso sempre para uma mesma pessoa.

Procurou-se mostrar aqui alguns dos aspectos mais evidentes na escrita de Magne Furuholmen e a seguir os resultados desta análise com o embasamento na teoria proposta para este trabalho.

Estilo e interlocutor

A começar pelo fato de que texto falado é diferente de texto escrito, pois no texto escrito não há a interação de locutor e interlocutor e o escritor pode pensar mais sobre o que fala, ele não possui a pressão do tempo e o leitor por sua vez também tem o tempo a seu favor; além de letra de música ser algo bem subjetivo como é a poesia.

Assim, pensamos em estilo não como uma variação lingüística, mas também numa outra perspectiva, a do texto escritor, do autor que o escreve pensando em suas palavras, pensando em seu público leitor e o fazendo subjetivamente.

Da mesma forma que há um estilo no que se fala, a escolha de certas palavras, de certos meios como se diz uma coisa ou como se diz outra, há também um estilo quando se escreve, o escritor possui suas marcas que são deixadas em seus textos.

Estilo então acaba por poder ser definido como algo individual, psicológico e social, pois cada pessoa possui seu próprio estilo que está ligado ao que se passa em sua mente, aos seus pensamentos, ao mesmo tempo em que essa pessoa é um ser que vive em uma sociedade que possui normas sociais. Como diz Coupland, cada pessoa é um ator, um ator que interpreta seu papel na sociedade o faz principalmente através da linguagem. Por isso, cada indivíduo além de possuir seu próprio estilo, seja na fala ou na escrita, também usa do que Coupland chama de *manejo de persona*, ou seja, por ser um ator inserido dentro de uma determinada sociedade, o indivíduo pensa no que vai ser dito ou escrito de acordo com seu público ouvinte ou leitor.

É o que acontece com as letras analisadas neste trabalho do músico norueguês Magne Furuholmen, ele marca seu estilo através de suas letras. Um estilo próprio que é demonstrado através de suas marcas, como foi visto em trechos de suas letras.

Tudo o que ele escreve parece estar marcado por:



- 1- O uso constante de tempo como algo precioso, pois o mesmo passa rápido e não pode ser recuperado;
- 2- O uso constante de figuras que usam elementos da natureza como pôr-do-sol, céu de verão, sol, chuva, anéis em volta da lua, etc;
- 3- E também o uso de comparações com o vinho.

Além de o músico falar sempre das mesmas coisas, parece estar falando sempre do mesmo assunto para alguém. Suas letras parecem fazer menção a coisas que passaram e por algum motivo talvez não voltem mais. Não há como saber exatamente do que ele fala já que ele usa muito de figuras de linguagem como comparações e metáforas. Porém, pensando que ele é um europeu que vive em um país frio como a Noruega, fica claro o porquê do uso de alguns elementos sempre repetidos em seu texto como o vinho, o verão, o sol, o pôr-do-sol e o céu de verão, pois esses são elementos importantes para uma pessoa que vive em um país tão gelado.

O vinho algo comum, não só pela Europa possuir tantas vinícolas famosas, mas pelo fato de que o vinho, devido ao álcool, esquenta e por isso também é comum vê-lo em outros países europeus. O verão que marca um período do ano para quem vive em países de clima temperado e é certamente a estação mais esperada e desejada durante todo o ano que é marcado pelas estações. Assim como também, o céu de verão, o sol, o pôr-do-sol.

Tudo isso marca seu estilo, marca-o como ser social, que vive numa sociedade que dá importância ao vinho e ao verão e que marca o tempo com as estações do ano. Seu estilo como indivíduo psicológico é marcado pelo o que ele sente, a agonia do tempo que passa e de algumas coisas que ficaram para trás não poderem ser mais recuperadas. E também é marcado por ele dividir isso com uma pessoa a qual ele se refere no texto, um você para quem ele direciona seu texto. Contudo, não podemos deixar de lado o *manejo de persona* que ele também precisa usar por ser uma pessoa famosa com uma imagem a ser preservada. Além de suas letras de música terem um público tão amplo que vai tomar conhecimento do que ele escreve e por isso o cuidado com sua exposição através do que ele escreve.

Dessa forma, por estar escrevendo textos subjetivos ele coloca no papel o que sente e pensa, mas tendo conhecimento da grandiosidade de seu público, toma cuidado fazendo o *manejo de persona* que fica claro no uso de suas comparações, metáforas e outras figuras. Tudo para não precisar dizer claramente o que sente e assim acabar por expor também sua vida pessoal a tantas pessoas as quais ele não conhece.



Por isso, ele não mostra claramente quem é, o que pensa ou o que sente, apenas expõe-se como indivíduo que vive em um país de clima temperado e que por algum motivo que obviamente não deixa claro, o tempo para ele é algo irreversível.

O que podemos fazer é apenas supor o porquê do tempo significar tanto para ele, talvez por uma perda, ou por qualquer outro motivo que ele faz não deixar claro, fazendo o *manejo* de sua *persona*, ou seja, mostrando para o seu público a pessoa que ele quer mostrar que é.

Isso certamente não ocorre apenas com letras de músicas, mas também com poesias ou mesmo com textos narrativos como contos ou crônicas e também, por que não, com textos jornalísticos e publicitários.

O estilo, como foi várias vezes dito aqui, é algo que faz parte de cada indivíduo, cada um possui o seu por fazer parte de uma determinada sociedade e também pelo fato de que somos seres pensantes, que possuímos um lado além de social, psicológico.

Experiências com certeza marcam o estilo e, além disso, o público para o qual nos dirigimos. Assim, é algo pessoal e marcado, mas que dependendo da situação pode ser manejado para atingirmos um determinado objetivo, como sempre fazemos quando usamos a linguagem.

Finalmente, é preciso entender que estilo na fala pode ser marcado pela variação lingüística e possuir outras marcas no uso de determinadas palavras. Porém, na escrita a variação lingüística é deixada de lado e o estilo é marcado não apenas com o uso de determinadas palavras, mas com outros recursos que são apenas possíveis na escrita.

STYLE IN MAGNE FURUHOLMEN'S LETTERS OF MUSIC

Abstract: This paper is an effort to try to define what is style, in Nikolas Coupland's perspective and show how a person's style gets evident even in written texts. To reach this, it will be used, not only Coupland's theories, but also Bakhtin's and others theorists of linguistic, that deals with the matter. The objects of analysis are Magne Furuholmen's letters, withdrawalled from his CDs (and the band he takes part).

Key-words: Music, Poetry, Linguistic, Sociolinguistic, Style.

Referências bibliográficas:

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.



BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

COUPLAND, Nikolas. Language, situation, and the relational self: theorizing dialect-style in sociolinguistics. In ECKERT, Penélope and RICKFORD, John R. *Style and Sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. São Paulo/Campinas: Editora Cortez/ Editora da Unicamp, 2000.

POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RODRIGUES, Ângela C. Souza. Língua falada e língua escrita. In PRETTI, Dino. *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 2003.

Recebido para apreciação em 25/05/2008

Aprovado para publicação em 30/07/2008